

COMUNIDADES DE LEITORES: COLABORATIVISMO EM REDE*

Ludmila Ferrarezi – Universidade do Sul de Santa Catarina
Lucília Maria Abrahão e Sousa – Universidade de São Paulo

RESUMO: Este trabalho, que apresenta alguns resultados de uma pesquisa de doutorado, defendida em 2014, na Faculdade Filosofia, Ciências e Letras da USP, visa a discutir algumas das novas práticas de leitura e escrita mediadas pela Internet, que têm como elemento principal o traço coletivo e colaborativo que permite tecer relações entre sujeitos-leitores no entremeio do espaço físico e do virtual, através da formação de comunidades de leitores/escritores. Enfoca as redes sociais Facebook e SKOOB, bem como duas iniciativas ainda pouco conhecidas no país, o Crowdwriting, por meio da plataforma colaborativa Widbook, e o Bookcrossing, perpassando algumas questões relativas aos e-books.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Comunidade. Leitor. Colaborativismo.

INTRODUÇÃO

Em um contexto sócio-histórico marcado pela primazia da coletividade (ORLANDI, 2011), flagramos novas formas de criação de comunidades de leitores, de produção e circulação de sentidos sobre a leitura, que nos chamam a atenção, posto que configuram o que podemos chamar de um novo funcionamento discursivo da leitura. É bem verdade que tais comunidades de leitores e escritores não são nenhuma novidade. Conforme atestam Luccio e Costa (2010, p. 142):

Comunidades de leitores e escritores existem há muito tempo. A disseminação da leitura no século XVIII, por exemplo, propiciou o surgimento de comunidades de leitura (a exemplo dos Book Clubs, Lesegesellschaften e Chambres de Lecture). Uma comunidade virtual de escritores e leitores na rede é, no entanto, algo radicalmente novo, cujo surgimento é propiciado pelo uso de recursos disponibilizados pelo hipertexto.

Esses recursos disponibilizados pela Rede tornam possíveis não somente a criação de comunidades virtuais de leitores, dentre as quais destacamos a brasileira Skoob¹, mas também a criação de comunidades que se desdobram entre o social e o virtual; como exemplo, citamos os leitores que frequentam bibliotecas comunitárias e mantêm um *blog*, compartilhando as experiências de leitura lá desenvolvidas (bem como fomentando outras, que ocorrem exclusivamente no espaço digital), ou ainda os *sites* baseados na iniciativa Bookcrossing, pela qual vários leitores disponibilizam na “natureza”, nos espaços públicos das cidades, as obras de que gostaram, indicando posteriormente (ou não), no site do projeto, o lugar onde o livro foi depositado, de modo que um novo leitor o pegue. (GUILLAUD, 2007, tradução nossa).

Nessas e outras formas de comunidades virtuais de leitores, que vêm se popularizando pouco a pouco no país, consideramos que a leitura não termina após se chegar à última linha do texto, seja ele impresso ou virtual. Nesses espaços, os indivíduos, ocupando a posição de leitores, unem-se a outros, conhecidos ou não, para compartilhar os sentidos construídos ao longo de sua leitura; ele não dialoga, portanto, apenas com as vozes presentes na obra, mas com tantas outras que o interpelam e o levam a cruzar as fronteiras entre o

* XII EVIDOSOL e IX CILTEC-ONLINE- junho/2015- <http://evidosol.textolivre.org>

¹ Disponível em: < <http://www.skoob.com.br/>>.

público e o privado, costurando mais alguns fios numa trama discursiva que não cessa de se tecer.

Isso nos leva a apontar que tais comunidades, como bem afirma Dias (2011, p.39), são, portanto, “marcas de uma inscrição do sujeito num determinado campo de saber e de interesses”, indiciando o modo como ele se identifica com alguns sentidos em detrimento de outros, o que o leva a filiar-se a uma determinada comunidade, a escolher (ideologicamente) um lugar de onde enunciar e construir sentidos sobre leitura(s) contando, para tanto, com uma série de recursos proporcionados pela emergência de novas tecnologias digitais, novas possibilidades que surgem a cada dia no âmbito da Web 2.0, permeada pelo caráter participativo da rede, que “se radicaliza, fazendo florescer o investimento em seu filão cooperativo e colaborativo.” (ANTOUN, 2008, p.20). E é sobre esse aspecto das redes digitais que nos debruçaremos nesse breve artigo. A seguir, aprofundaremos algumas dessas questões, a partir de uma perspectiva multidisciplinar que se sustenta, especialmente, em pressupostos teóricos da Ciência da Informação, Linguística e Educação.

1 COMUNIDADES EM REDE: NOVAS PERSPECTIVAS PARA/DE LEITURA

Dentre as novas configurações de comunidades que ganham destaque nesse panorama, citamos aquelas que se constituem, veloz e temporariamente, através das redes sociais, ferramentas que possibilitam a reunião de leitores, nas vias do ciberespaço e também das cidades. São espaços (discursivos) em que o compartilhamento e a mobilização social ganham destaque. No que diz respeito ao nosso tema de trabalho, destacamos como as redes sociais, como o Facebook, atuam como espaço de promoção da leitura, de ações que reúnam, dentro e fora da Rede, leitores, que os coloquem em movimento. Como exemplo dessas “novas formas de estar no coletivo” (SCHIECK, 2005, p.6), podemos citar páginas do Facebook que convidam leitores a comparecerem em locais públicos, em determinado momento, com um livro na mão. Trata-se de um exemplo do fenômeno chamado *Flash Mob* (Mobilização Instantânea), que se popularizou mundialmente nas/pelas redes sociais, na última década.

No Brasil, segundo, Kist e Moraes (2010), o primeiro *Flash Mob* de que se tem notícia ocorreu em 2003, em São Paulo. Desde então, a Internet vem sendo frequentemente utilizada como ferramenta para organizar tais mobilizações, que podem agregar milhares de pessoas e serem, posteriormente, registradas, por meio de vídeos divulgados, entre outros espaços, no YouTube². Rompendo as fronteiras entre os espaços físico e virtual,

a principal característica da flash mob é sua instantaneidade, não só de sua encenação como também de sua articulação, e isso só se torna possível graças a popularização das tecnologias virtuais móveis, que por terem um caráter descentralizado, tem a capacidade de fazer circular a informação num curto espaço de tempo (SCHIECK, 2005, p.4-5).

Aproximando-nos de nosso objeto de estudo, trazemos o exemplo de um evento coletivo em prol da leitura, o *Flash Mob “O leitor”*, que foi realizado em 2012, na cidade de Curitiba, por um grupo de artistas que organizam diversas atividades culturais na capital paranaense. A página virtual³ do evento no Facebook sinaliza a (intenção de) participação de quase 300 pessoas, que ocupariam, durante 1 hora, um mesmo espaço público, qual seja, um movimentado terminal de ônibus da cidade. Na esteira de Augé (2005), esse local de trânsito

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/>>.

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/347758871977161/>>.

poderia ser considerado um não-lugar, (res)significado pelo ato de folhear coletivamente as páginas de livros, a fim de chamar a atenção dos transeuntes que, indiretamente, fazem parte da mobilização organizada por essa efêmera comunidade de leitores, que pode ser desfeita ou refeita, na próxima estação, na postagem seguinte, nos efeitos de sentido circulantes pelas ruas e pelos hipertextos.

Filiando-se a determinadas regiões da memória, os sujeitos-leitores ocupam esse (ciber)espaço, inscrevendo-se em diferentes comunidades que ali se forma e participando de clubes de leitura, que atualizam aqueles tradicionalmente realizados em comunidades físicas, as quais, impreterivelmente, deveriam ocupar os mesmos limites geográficos e temporais; organizavam, também, suas estantes virtuais, como espelho de suas estantes de madeira ou aço, transpondo-se assim, os limites entre o privado e o público.

Ao fazer parte de uma comunidade de leitores, como o Skoob, o sujeito se inscreve numa rede que promove encontros entre obras e leitores, os quais entrelaçam suas vozes às de outros sujeitos que ali podem ocupar, também, a posição de críticos literários, ao indicarem e classificarem as obras lidas. Ao acessar uma página do Skoob- que é bem mais que um simples catálogo de obras ou uma base de dados literária- dedicada a um determinado livro, é concedida ao leitor a possibilidade de observar os rastros de leitura de outrem, daqueles que leram, estão lendo ou relendo, dos que vão ler e também dos que abandonaram a leitura de uma obra em questão. Ainda que a formação de comunidades de leitores não seja um fenômeno exclusivo do meio digital, nele, são oferecidas outras oportunidades de configuração, que se desdobram muitas vezes em tempo real, no momento mesmo do ato de ler, advindo daí, desse encontro com outros leitores, a produção de novos sentidos, novas conexões e formas de apreensão do texto, que podem ocorrer, inclusive, quando do envolvimento do sujeito-leitor em processos colaborativos de produção de novos textos.

Além das produções textuais dos leitores, é possível anexar vídeos à página de uma obra, participar de grupos voltados para a discussão de temáticas específicas relacionadas ao mundo dos livros e, também, conhecer obras similares às que foram lidas ou sinalizadas como desejadas por outros leitores. A partir dos recursos oferecidos por essa rede social, podemos, então, trilhar diferentes percursos de leitura, deixando-nos enredar pelos sentidos de outras obras, ou enveredar-nos mais a fundo por aquela que temos em mãos (ou na tela), enriquecendo nossa experiência de leitura e, inclusive, tendo acesso a outras obras, através da troca de livros entre os “skoobers⁴”, que é mediada por uma ferramenta disponível no site dessa rede social. A partilha é, portanto, o fio condutor dos movimentos de sujeitos que navegam pelas páginas dessa e outras comunidades de leitores, seja através do com-partilhar de livros, leituras ou escritas.

Entretanto, as redes sociais oferecem bem mais do que ferramentas de comunicação entre leitores. A fim de explicitarmos esse ponto, apresentamos uma nova rede social, de nome anglófono e certidão de nascimento brasileira: falamos aqui da Widbook, que foi criada em 2013 na cidade de Campinas, no interior de São Paulo, onde possui uma de suas sedes, estando a outra situada nos Estados Unidos. Trata-se de uma rede de *e-books* que, a partir de aplicativos para celulares, vem se expandindo, permitindo, também, que o sujeito ocupe outras posições além da que assumiu como leitor. As relações entre leitores e autores são, de modo mais veemente, o enfoque dessa rede, conforme podemos observar já em seu lema (“A social network where writers and readers interact and collaborate on content⁵”), disposto em já sua página inicial.

Essa plataforma colaborativa já se tornou líder mundial de *crowdwriting*⁶ (GARÓFALO, 2013), propiciando a formação de uma grande comunidade de alcance

⁴ Designação atribuída àqueles que fazem parte da rede social de leitores Skoob.

⁵ Tradução livre: “Uma rede social onde escritores e leitores interagem e colaboram no conteúdo”.

mundial, que agrega milhares de leitores e escritores, permitindo o acesso gratuito a livros digitais, parte deles escrita em língua portuguesa, apesar de o inglês ter destaque, tanto na configuração da plataforma, quanto nas publicações que dela fazem parte. Vejamos como isso funciona:

[...] é possível que os leitores não apenas acompanhem passo a passo a elaboração de livros no Widbook mas também possam sugerir parcerias aos autores. Os brasileiros já são acessados em mais de cem países. O escritor precisa do leitor e o leitor quer ficar próximo do escritor. A experiência é essa: a possibilidade de participar da obra, de ler um livro antes mesmo de ele sair no mercado, de acompanhar uma conversa, de ver um autor despontando e às vezes nem é no mundo tradicional das editoras, diz o diretor executivo de operações e cofundador da plataforma, Joseph Bregreiro. (GOMES, 2013, p. 2)

O desenvolvimento de ferramentas como o Widbook ganha força num contexto marcado pelo incremento no uso de *e-readers*, pela multiplicação dos suportes de escrita e leitura, pela expansão do conceito de livro e do lugar que era destinado ao leitor ocupar. Posto isto, apontaremos, na próxima seção, algumas considerações que julgamos importantes acerca do *e-book*.

2 NOTAS SOBRE O E-BOOK: A LEITURA (SOCIAL) EM (DIS)CURSO

O termo *e-book* pode nos remeter tanto à leitura de uma obra através de um *e-reader*, quanto “[...] un fichier numérique d'une oeuvre textuelle, et parfois multimédia, présenté à l'écran avec l'apparence d'un livre⁷” (BÉLISLE, 2007, p.51), que teria, portanto, algumas características do livro impresso, que foram adaptadas para a tela, não apenas de *e-readers*, mas também de computadores, celulares, *tablets* etc. Além disso, estão associadas ao conceito de *e-book*, aquelas obras produzidas através de um processo de digitalização de livros impressos, ou seja, obras que não foram criadas no meio digital, como aquelas que ganham vida na plataforma Widbook. Tratamos, então, de um objeto com uma pluralidade de existências e que precisa ser mais estudado, a fim de que se compreendam melhor as implicações e mudanças que vêm sendo provocadas nas práticas de leitura, desde que ele se tornou uma realidade, há apenas quatro décadas, quando Michael Hart iniciou o Projeto Gutenberg, em 1971, na Universidade de Illinois, Estados Unidos. (BÉLISLE, 2007, tradução nossa).

Desde então, muitas tecnologias e avanços informáticos vêm contribuindo para o desenvolvimento do livro eletrônico, dentre eles destacamos o aumento da capacidade de armazenagem de dados em sistemas digitais, o aparecimento de novos formatos de arquivos digitais e dispositivos portáteis de leitura (em 2011), que estão cada vez mais compactos, leves e conectados à Internet, além da tinta eletrônica⁸ (em 2004), que vem revolucionando

⁶Segundo Freire (2014), “o *crowdwriting* é definido como um espaço colaborativo para escritores e leitores exporem suas ideias e opinarem sobre as obras publicadas. Assim, os usuários reúnem suas expectativas ou produções criativas de e-books, disponibilizados por meio de uma plataforma online, como é o caso do WidBook”.

⁷ *Ebook* significa geralmente um arquivo digital de uma obra textual e, às vezes multimídia, apresentada na tela com a aparência de um livro.

⁸ A chamada tinta eletrônica (*E-ink* em inglês) é um elemento que representa a supracitada tentativa de mimetismo envolvendo objetos impressos e digitais. Nesse caso, os desenvolvedores de *e-readers* se esforçariam em distanciá-los das telas brilhantes dos notebooks, celulares e outros dispositivos nos quais a leitura torna-se mais difícil e cansativa. Através da tecnologia *E-ink*, segundo Pase (2010, p.5), “uma tela cinza recebe pequenas descargas elétricas que posicionam pigmentos escuros, sem emissão de luz” A autora aponta que tais ferramentas

tais dispositivos (GÓMES-DÍAZ, 2013, p.7), permitindo não apenas a consulta de obras, mas também “tomar notas, sublinhar, riscar o texto com a ajuda de um simples estilete. O livro eletrônico guardará na memória não somente a obra original, mas também as anotações do leitor” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p.32), que, assim como suas opiniões e produções textuais, podem ser lidas e compartilhadas por/com outros leitores (até no momento da leitura) e, inclusive, com os autores, não sendo estas as únicas possibilidades de interação disponibilizadas, posto que os leitores podem “ir ainda mais fundo no livro, explorando corpus de documentos, bibliografia, historiografia, iconografia, música de fundo [...] lendo horizontalmente, verticalmente ou diagonalmente até onde os levarem os links eletrônicos” (DARNTON, 2010, p. 79). Ilustrando algumas dessas práticas de escritura mediadas por uma tela, Ellis e Cook (2013, tradução nossa) relatam a experiência de uma colega que utiliza um aplicativo (*app*) chamado Subtext, o qual permite criar grupos de leitura, com os quais ela pode discutir a respeito da obra que está lendo naquele momento. No final de cada capítulo apareceria uma pequena caixa de texto no topo da tela onde o leitor pode registrar seus pensamentos. Também é possível pausar a leitura e escrever algumas ideias para compartilhar com um grupo de leitura.

Essas novas funcionalidades nos remetem ao conceito de leitura social, que não seria algo novo, mas que nos últimos vem mudando radicalmente, pois, “you can learn more about a particular passage, chat live with the author, discuss themes with other readers, and even leave your own thoughts in a comment or on a blog” (PATRICK, 2011), possibilidades estas que já foram descortinadas quando, por exemplo, discorremos sobre o Widbook e o Skoob.

Por fim, temos, portanto, que a leitura social em ambiente digital pode ser feita tanto em redes sociais e outros espaços da *Web*, quanto em dispositivos como os *e-readers*. Acerca da relação entre leitura social e *e-book*, Mendes (2012) faz uma ressalva que consideramos muito pertinente retomar aqui, ao apontar que tal ligação não é limitante, posto que uma das funcionalidades que é preponderante na leitura social, a partilha entre leitores, não se restringe à conversa sobre *e-books*, já que “o livro impresso ou qualquer outro texto, na realidade, pode ter lugar na leitura social.” Isso pôde ser observado em nosso corpus de análise, no qual, em diversas sequências discursivas, tiveram destaque os sentidos produzidos, antes, durante e depois, da leitura de obras impressas, presentes, por exemplo, nas comunidades de leitores, *blogs* e outros (ciber)espaços que percorremos e que revelam algumas das práticas de leitura que estão em desenvolvimento, às quais nos dedicamos quando da pesquisa de doutorado (FERRAREZI, 2014) que nos permitiu pensar acerca das questões aqui discutidas e que esperamos ter instigado nosso leitor a lançar um olhar mais atento a essas (novas) práticas cotidianas de se relacionar com o livro e a leitura, ainda tão pouco estudadas.

são menos agressivas aos olhos, mas que necessitariam de luz para a leitura, assim como os livros. Ressalvamos que, atualmente, já são encontrados no mercado brasileiro (por preços ainda elevados para a maior parte da população) modelos de *e-readers* que já vêm com uma luz embutida, voltada, no entanto, para a própria tela (retroiluminação), minimizando o desconforto. Outra característica das telas desses dispositivos de leitura é que elas permitem a leitura direta sob a luz do sol. (SHEENAN, 2012, p.3, tradução nossa), bem como o aumento de letras, facilitando a leitura se o leitor sofre de algum problema físico, que muitas vezes é um desestímulo ou mesmo impedimento à leitura.

⁹ Você pode aprender mais sobre uma determinada passagem, conversar ao vivo com o autor, discutir temas com outros leitores e até mesmo deixar os seus próprios pensamentos em um comentário ou em um blog.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: _____. (org.). **Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p.11-28.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução M. L. Pereira. 5. ed. Campinas: Papirus, 2005.

BÉLISLE, Claire. Le livre électronique: vers une lecture instrumentée. In: ROUET, Jean-François; GERMAN, Bruno & MAZEL, Isabelle (orgs). **Lecture et technologies numériques: enjeux et défis des technologies numériques pour l'enseignement et les pratiques de lecture**. Paris: CNPD, 2007, p. 49-66.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução D. Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIAS, Cristiane P. O discurso sobre a língua na materialidade digital. **Interfaces**, vol.2, n° 1, jul. 2011, p. 38-45.

ELLIS, Jenny & COOK Kyle. Building a Community of Readers: Social Reading and an aggregated ebook Reading App for libraries. **In the library with the leadpipe**. mar, 2013. Disponível em: <<http://www.inthelibrarywiththeleadpipe.org/2013/building-a-community-of-readers-social-reading-and-an-aggregated-ebook-reading-app-for-libraries/>>. Acesso em: 6 jun. 2012.

FERRAREZI, Ludmila. **Nos (ciber)espaços de leitura: sentidos e sujeitos em trânsito**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências)- Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

FREIRE, Raquel. Widbook: plataforma gratuita permite publicar e-books por capítulo. **Techtudo**, 18 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/02/widbook-plataforma-gratuita-permite-publicar-e-books-por-capitulo.html>>. Acesso em: 13 set. 2012.

GARÓFALO, Camila. Widbook: aplicativo permite acesso gratuito a mais de 2 mil livros pelo celular. **Catraca Livre**, 16 dez. 2013. Disponível em: <<http://catracalivre.com.br/2013/12/16/widbook-aplicativo-permite-acesso-gratuito-a-mais-de-1-400-livros-pelo-celular/>>.

GOMES, Helton Simões. Rede de e-books do Brasil permite escrita colaborativa e pitaco do leitor. **G1**, 15 ago. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/tem-um-aplicativo/noticia/2013/08/rede-de-e-books-do-brasil-permite-escrita-colaborativa-e-pitaco-de-leitor.html>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

GÓMEZ-DÍAZ, Raquel et al. Análisis terminológico a través de la production científica relativa a los libros electrónicos. **Revista Espanhola de Documentación Científica**, vol.36, n°1, jan-mar. 2013, p. 1-10. Disponível em: <redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/view/784/878>. Acesso em: 20 fev. 2013.

GUILLAUD, Hubert. **Si les livres pouvaient parler**. 23 abril 2007. Disponível em: <<http://www.internetactu.net/2007/04/23/futur-20-si-les-livres-pouvaient-parler/comment-page-1/#comment-1057674>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da Leitura**. Tradução M. Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

KIST, Éverton Bohn & MORAES, Ana Luiza Coiro. Flash Mobs, movimentos que transcendem o ciberespaço: uma ferramenta alternativa de comunicação. **Revista Iniciacom**, vol.2, nº1, 2010, p. 1-16. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/661/613>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

LUCCIO, Flávia Di ; COSTA, Ana Maria Nicolaci da. Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol.30, nº.1, 2010, p. 132-145. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a10.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

MENDES, Helder Jorge Marques. **Texto e leitura na Web 2.0: o Facebook e os novos leitores**. 2012. Dissertação (Mestrado em Edição de Texto)- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/8666/1/HelderMendesTextoeLeituraWeb.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

ORLANDI, Eni. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane (org.). **E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital**. 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/eurbano1.pdf>>. Acesso em: 2 ago.2011.

PASE, André Fagundes. Do papel ao iPad, livros e revistas publicadas como aplicativos em bibliotecas 2.0. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010. Caxias do Sul. **Anais....** Caxias do Sul: INTERCOM, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3122-1.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

PATRICK, Bethanne. What is social reading? **Book Riot**, 18 out. 2011. Disponível em: <<http://bookriot.com/2011/10/18/what-is-social-reading/>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

SCHIECK, Mônica. Flash Mob: da interação à intervenção urbana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/59438962644141007458406111809361572904.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

SHEEHAN, Kate. **The ebook Revolution: a primer for librarians on the front lines**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2012.